



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13719 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

Aprendizagem narrativa e Narrativa: aproximações entre Goodson e Benjamin

Maria Inês Petrucci Rosa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq/CAPES

APRENDIZAGEM NARRATIVA E NARRATIVA: APROXIMAÇÕES ENTRE GOODSON E BENJAMIN

Resumo: Um estudo analítico é apresentado com diálogo teórico-conceitual entre os pensamentos de I. Goodson e W. Benjamin no que tange aos seus conceitos de aprendizagem narrativa e narrativa, respectivamente. Para isso, são discutidos também a contraposição presente nas obras desses pensadores, a saber: as “pequenas narrativas” e o “romance” que são formas a serem superadas no sentido de recuperar as histórias de vida e a narrativa artesanal que significam possibilidade de constituição identitária e de aprendizado coletivo. São apresentadas também as críticas tecidas por Goodson ao currículo prescrito e à abordagem tecnicista educacional, para contextualizar com mais nitidez a importância da defesa da aprendizagem narrativa e das práticas pautadas em narrativas benjaminianas tendo como horizonte a possibilidade de um novo futuro de justiça social.

Palavras-chave: narrativa, aprendizagem narrativa, justiça social

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho traz um estudo analítico visando aproximações entre os pensamentos de I.F. Goodson (1943-) e W. Benjamin (1892-1940), que apresentam perspectivas teóricas amplas sobre a sociedade e a cultura e, mais especificamente, sobre conceitos de história e de narrativa. O XX busca articular tais perspectivas por meio de uma abordagem crítica e reflexiva sobre as práticas educacionais e sociais, por meio da produção de suas pesquisas.

Enquanto Goodson procura entender como as histórias de vida dos indivíduos afetam

a Educação, Benjamin busca compreender como a cultura, a história e as transformações sociais afetam a experiência humana em geral. Suas perspectivas têm, obviamente, enfoques diferentes e suas metodologias se apresentam em diferentes regiões de um espectro mais amplo. Goodson destaca a pesquisa qualitativa, com ênfase na audiência e na análise de narrativas de histórias de vida, enquanto Benjamin apresenta abordagem filosófica e crítica, baseando-se na análise de obras literárias, da cultura popular e da história. No entanto, é possível indiciar algumas aproximações entre o pensamento de Ivor Goodson e o de Walter Benjamin, especialmente no que tange as suas perspectivas sobre narrativa e história em contextos de aprendizagem.

Goodson é um educador e pesquisador britânico que se concentra na análise de histórias de vida e na importância da narrativa na construção de identidades e memórias individuais e coletivas. Acredita que a compreensão das histórias de vida é fundamental para entender como as pessoas se torna quem são e como as sociedades se desenvolvem. Sua trajetória de vida como filho da classe trabalhadora, cuja infância foi marcada pela cultura oral e pela não valorização da cultura escolar imprime marcas evidentes em sua identidade de educador, bem como sua experiência profissional como professor de História na escola básica. Sua entrada no mundo acadêmico é acompanhada por um conjunto de dilemas e contradições que *“ressignifica seu contexto social e se torna um educador crítico e comprometido com causas relacionadas a solidariedade, sonhos e missões”* (GOODSON, 2020, p. 101)

Amplamente conhecido na literatura brasileira, Benjamin, um filósofo, crítico cultural e escritor alemão, também se interessava pela narrativa e pela história, que via como algo vivo e em constante e evolução, em vez de algo estático e imutável. Também acreditava que as narrativas, especialmente aquelas contadas pelos grupos marginalizados, poderiam oferecer perspectivas valiosas entre a história e a sociedade. Em suas palavras: o teórico do materialismo histórico *“considera que sua tarefa consiste em escovar a história a contrapelo”* (BENJAMIN, 1994, p.225) Ou ainda: *“o passado permanece presente na memória coletiva das classes e das comunidades étnicas: a tradição dos vencedores e a tradição dos oprimidos se opõem inevitavelmente”* (LOWY, 2011, p.26)

Como já mencionado, Goodson tende a se concentrar mais na dimensão individual e subjetiva da narrativa, enquanto Benjamin analisa as narrativas focando nas relações de poder e na política. De fato, o debate educacional não é tão evidente e extenso na obra benjaminiana, no entanto, ao discutir poder e política mergulhados na cultura, possibilita apropriações significativas para o campo da Educação.

Sendo um pensador ativo no campo educacional, Goodson é conhecido por sua abordagem crítica à Educação, na qual analisa a relação entre poder e ideologia, questionando formas convencionais de pensar e praticar a Educação. Entre suas principais críticas, destacam-se: 1. A escolarização excessiva que leva a uma ênfase exagerada em currículo e metodologias padronizados, impedindo que estudantes explorem e desenvolvam seus próprios

interesses; 2. A fragmentação do conhecimento em disciplinas estanques e a separação entre teoria e prática, o que leva a processos educativos descontextualizados e pouco relevante para a vida dos estudantes; 3. O papel da escola na reprodução das desigualdades sociais; ao reforçar as hierarquias e discriminações existentes na vida em sociedade; 4. A necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva da Educação, que permita aos estudantes desenvolverem uma compreensão mais profunda e significativa do mundo em que vivem, e se tornarem agentes de mudança e transformação social. Tais críticas de Goodson à Educação tem influenciado abordagens pedagógicas contemporâneas, que buscam superar as limitações do modelo tecnicista de ensino e aprendizagem, expresso em políticas curriculares padronizadoras e controladoras das vidas nas escolas.

AS PEQUENAS NARRATIVAS E O ROMANCE

Para Goodson, vivemos a era das “pequenas narrativas” ou das estórias (do inglês, *story*), que são enredos individualizados sem conexão com contextos sociais mais amplos. São narrativas ensimesmadas no indivíduo, trazendo valores que só tem significado em âmbito privado, desconectando-se de preocupações voltadas à cultura e ao sofrimento social. O autor aponta que a emergência das “pequenas narrativas” se deu muito por conta do declínio das grandes narrativas históricas. Um conjunto de “grandes narrativas” colapsaram durante o século XX, nas ciências humanas, na psicologia, na consciência marxista de classe, entre outras instâncias sociais. Com crises profundas de credibilidade, as “grandes narrativas” sucumbiram diante da emergência das estórias (*stories*) pessoais. Tais “pequenas narrativas” em amplo movimento de valorização resultaram um retrocesso a princípios antigos e fundamentalistas, muito bem evidenciados na propagação das chamadas *fakenews*, no negacionismo científico, no genocídio implementado em nosso país em tempos de pandemia. As “pequenas narrativas” não abrangem contextos socioculturais, nem sua localização histórica num certo tempo e lugar. (GOODSON, 2013, 2014; 2020)

Os traços das “pequenas narrativas” em Goodson, podem ser encontrados na discussão benjaminiana sobre a ideia de “romance”. “*A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos e nem sabe dá-los.*” (BENJAMIN, 1994, p. 201) Benjamin, que viveu na primeira metade do século XX, afirma que o surgimento do romance no início do período moderno se deu por conta daquilo que chamou de “morte da narrativa”, enquanto atividade artesanal própria da cultura oral, da transmissão de conhecimento de geração em geração. O romance se edifica na figura do herói, de um combate e, tem na rememoração a sua musa. Seu enredo é focado no indivíduo, tecido de forma padronizada e com um final conclusivo, como o faz as “pequenas narrativas”.

Tanto Goodson como Benjamin tecem suas críticas, apontando para a valorização da conexão entre as histórias e os contextos sociais e políticos mais amplos. Tal conexão caracteriza a potência daquilo que é chamado de capital narrativo, como forma de resistência e como dispositivo de aprendizagem.

APRENDIZAGEM NARRATIVA E NARRATIVA

A noção de aprendizagem narrativa em Goodson e o conceito de narrativa em Benjamin apresentam possibilidades de aproximação, principalmente em relação à sua potência na construção de conhecimento e de identidades coletivas. Goodson argumenta que a aprendizagem narrativa envolve construção de significados por meio da narrativa pessoal e da reflexão sobre histórias de vida. Por sua vez, em Benjamin encontramos a concepção de narrativa como processo de aprofundamento e enriquecimento da experiência vivida. Argumenta que a narrativa tem a capacidade de dar significado à experiência e de conectá-la à história e à cultura, favorecendo uma compreensão mais profunda do mundo. (BENJAMIN, 1994)

Benjamin discute a narrativa como uma forma de resistência à opressão e à dominação, o que parece dialogar com o ponto de vista de Goodson que se concentra nas possibilidades do capital narrativo mobilizado nos processos educativos, enquanto experiências produtoras de constituições identitárias e de conhecimento coletivo.

Com essas assunções, a aprendizagem narrativa (em Goodson) e a narrativa (em Benjamin) podem trazer contribuições significativas para a Educação brasileira e, especialmente, para o engendramento de formas de resistências ao momento curricular em andamento em nosso país. Por meio de um capital narrativo e da valorização de histórias pessoais e coletivas, a aprendizagem narrativa pode ajudar a construir uma educação mais inclusiva e democrática.

RECONSTRUIR O PAÍS E AS VIDAS EM SUAS ESCOLAS

A aprendizagem narrativa pode ser uma forma de resistência a políticas de currículo prescrito padronizado como aquelas engendradas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)(BRASIL,2018), a qual configura-se como norma que estabelece objetivos de aprendizagem para todas as escolas brasileiras, a partir dos cânones ditados por interesses de grupos empresariais globais. (CASSIO, 2019; HYPOLITO,2019). A pluralidade étnico-racial e as diferenças sócio-econômicas que caracterizam a população brasileira são marcos imprescindíveis a serem considerados na produção de políticas curriculares que almejem aprendizagens próprias para a construção de um novo futuro de justiça social. Narrar a vida e aprender narrativamente tornam-se assunções necessárias como forma de resistência ao currículo prescrito, à medida que permite aos sujeitos a audiência de suas vozes, necessidades e interesses e, ao mesmo tempo, abrem portas e caminhos para uma educação mais inclusiva e crítica.

Nesse sentido, à guisa de conclusão, a partir do estudo analítico aqui desenvolvido, é possível evidenciar seis princípios importantes para a aprendizagem narrativa, sustentada também pela perspectiva benjaminiana: 1 – A premissa de que os seres humanos constroem significado por meio da narrativa. Estudantes e professores se envolvem no processo de aprendizagem através da escuta e do ato de honrar as histórias de cada um; 2 – Mudamos ao

mudar as histórias que contamos sobre nós. As histórias que contamos nos permitem a reconstrução da nossa identidade; 3 – Histórias são importantes em comunidades de aprendizagem no sentido de construir identidades e produzir histórias compartilhadas; 4 – O acesso às histórias tradicionais traz profundos aprendizados às comunidades ocidentais. As histórias mais amplas carregam valores e regras compartilhadas que moldam o que é possível ou não é, nas comunidades de aprendizagem ocidentais e em tempos de grandes mudanças demandam escrutínio, visibilização e ressignificação; 5 – Ouvir histórias significa ampliar a visão e a compreensão, apoiando a comunidade a tomar decisões melhores, em suas formas de agenciamento; 6 – Construção de conhecimento coletivo é o foco. Mobilizar histórias locais permite àqueles que aprendem, a superação da mera descrição de fatos ditos universais. Ao contrário, potencializa a formulação de problemas, a identificação de conceitos importantes e o mapeamento de conhecimentos plurais. (GOODSON, 2019)

O diálogo possível travado no presente artigo pode ser também apoiado pelas palavras de Goodson:

Benjamin representa uma constante transgressão de limites disciplinares, limites nacionais e outros limites. Seu trabalho representa uma tentativa de ir além desses limites, mostra o tipo de liberdade da condição humana, além de fronteiras, além de preconceito, além de limites disciplinares. Então, penso que isso é o mais importante em Walter Benjamin...ele sempre quer ir além, para ver, em um certo sentido, um outro mundo, ver outras referências. (GOODSON, 2007, p. 72)

Ainda na linha desse diálogo conceitual, Aadlandsvik escreve sobre Goodson, afirmando:

Como um pesquisador, ele é um atravessador de fronteiras, viajando através da história, sociologia, educação, antropologia, etnografia, narratologia, filosofia. (...) Goodson, o historiador, nos lembra que as batalhas do passado não devem ser esquecidas e nós devemos redefini-las no presente. O desafio é combinar retrospectiva com prospectiva. A falha em situar historicamente os problemas da Educação contemporânea limita a compreensão das questões política e de controle. “(AADLANDSVIK, 2019, p.23)

Em tempos de discursos de ódio, de ataque às instituições e de tentativa de padronização das aprendizagens nas escolas, as propostas de formas de resistência e de aprendizagens narrativas trazidas por Benjamin e Goodson parecem ser bastante inspiradores

para o enfrentamento dos desafios que nos são postos na Educação brasileira e para a construção de um novo futuro com justiça social.

Referências Bibliográficas

AADLANDSVIK, R. Ivor Goodson: a traveller with passion and purpose. In: Sikes, P., Downes, Y. **Storying the Public Intellectual – Commentaries on the Impact and Influence of the Work of Ivor Goodson**, 1st Edition, London: Routledge, 2019.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª. edição, S. P.: Ed. Brasiliense, trad.: Sérgio Paulo Rouanet, 1994.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular – Educação é a Base**, SEB, Ministério de Educação, 2018

GOODSON, I. **Políticas do Conhecimento – vida e trabalho docente entre saberes e instituições**. In: Coleção Desenredos. Org. e trad. R. Martins e I. Tourinho. Goiânia: Cegraf, 2007.

CÁSSIO, F. Existe Vida fora da BNCC? In: **Educação é a Base: 23 educadores discutem a BNCC**. Cassio, F. e Catelli Jr., R. (orgs). S.P.: Ação Educativa, 2019.

GOODSON, I. **Developing Narrative Theories**. London: Routledge, 2013.

GOODSON, I. **Curriculum, Personal Narrative and Social Future**. London: Routledge, 2014.

HYPOLITO, A. BNCC, Agenda Global e Formação Docente, Revista **Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, pp. 187-201, jan/mai, 2019.

LOWLY, M. “A contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940), **Lutas Sociais**, S.P., n. 25/26, 2011.

